ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR

Para serem lidos na calada da noite

Volume II

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-74082-0
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

MINHA VEZ, POR CAROLINA SCHMITT DA SILVA, PÁG. 05
MEDO, POR CLAUDIA VECCHI-ANNUNCIATO, PÁG. 09
A CASA, POR DANIELA BLOC DE CASTRO E SILVA, PÁG. 12
O FANTASMA DE CRISTAL, POR GILSON MÉDICI, PÁG. 14
A DEFUNTA DO BAILE, POR GRACITA FRAGAI, PÁG. 20
A HERANÇA, POR MAURO M. MASSUDA, PÁG. 24
PARASITA, POR MIGUEL LINCAR, PÁG. 30
UTI, POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA, PÁG. 35
UM RESQUÍCIO DE HUMANIDADE (PARTE I), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 37
UM RESQUÍCIO DE HUMANIDADE (PARTE II), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 42
ADIANDO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 46
EM IMPUREZA IMERSOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 48
A ARARA E O PAPAGAIO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 50
INSTINTO E OBSESSÃO..., POR ZACCAZ, PÁG. 52
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 57

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR

PARA SEREM LIDOS NA CALADA DA NOITE
VOL. II

APRESENTAMOS O CONTO

MINHA VEZ

POR CAROLINA SCHMITT DA SILVA

Carolina tem 21 anos e é apaixonada por literatura desde pequena. Nasceu em Santa Maria, cidade localizada na região central do Rio Grande do Sul e atualmente cursa o sétimo semestre de licenciatura em Letras-Inglês na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Pingos de chuva. Foi a primeira sensação que senti naquele miserável lugar… E apenas cabia a mim mesma rezar para que aquela mesma sensação fosse a última a ser sentida ao sair de lá.

Acordei com pingos de chuva em meu rosto, o corpo dolorido e encharcado pela chuva que caía sobre ele e pela lama que se formava no solo desprovido de vida. Levantei cambaleante, piscando para afastar as gotas de água dos meus cílios e colocando uma das mãos na cabeça, parecia prestes a explodir.

Quando já estava mais ciente de minha localização, atrevi a dar uma volta sem sair do lugar e o que vi me fez ficar apavorada: o céu era puramente cinza, as árvores ao redor era tudo o que minha visão podia alcançar e mesmo assim, eram igualmente cinza, morto, tudo naquele lugar tinha uma terrível aparência macabra e sem vida. O cheiro da floresta era de mofo, não tinha aromas de flores ou até mesmo do solo molhado, não havia nada. Agucei os ouvidos enquanto vasculhava a floresta tentando escutar algum som além da chuva ao mesmo tempo em que tentava enxergar algum pequeno animal em meio a densa floresta. Sem sucesso.

Após decidir que ficar parada não me levaria a respostas, caminhei devagar por entre as árvores e percebi que havia um muro de pedras cinzas com grades pretas altas e pontiagudas e que circundavam a floresta, como se fosse uma prisão. Me apoiei no muro com as duas mãos e fiquei nas pontas dos pé tentando ver o que havia do outro lado, a chuva agora estava mais forte e fazia meu corpo tremer de frio. Eu não conseguia ver nada através do muro mas recuo vários passos para trás a fim de ver as árvores do outro lado das pedras, mas novamente, tudo o que eu visualizava era aquele nada cinza, como se fosse uma parede pintada. Me sentindo ainda mais amedrontada do que achei que fosse capaz, voltei os olhos para o chão lamacento e o que via naquele momento me fez duvidar da minha razão: um denso nevoeiro cobria a floresta inteira, por pouco não encobria meus joelhos, eu estava sem enxergar meus pés e o chão, a única alternativa foi arrastar os pés, chutando a lama só para sentir então, ela sujando ainda mais meus tênis antes brancos.

A caminhada de volta a superfície do muro foi arrastada e pareceu demorar cinco vezes mais do que a primeira vez, devido a minha tentativa de não cair em uma poça e torcer o tornozelo, ou algo do tipo, não sei, meu azar obviamente estava prevalecendo naquele lugar e eu não queria arriscar.

Fui me guiando e seguindo o largo muro de pedras, o nevoeiro agora fazia com que eu enxergasse tudo branco e a visão fosse restrita a alguns metros. Eu me sentia em um eterno banho de chuveiro quente no inverno, no qual tudo o que você vê é o branco do vapor pelo banheiro, e a única diferença é que a água que caía sobre mim no momento era gelada, muito gelada.

Segui minha caminhada não sei por quanto tempo mais, mantendo meus olhos no chão ao mesmo tempo em que perdia as esperanças de sair de lá e aceitando que aquilo não era um sonho, era quase real demais para suportar. De repente senti cheiro de fumaça e reunindo a força que me resta, ergui os olhos. Uma casa. Bem velha. Amedrontadora. Tirando isso, ela era toda feita de madeira pintada de cinza, uma única luz amarela escapava por entre as fendas da madeira, a casa não possuía janelas, a chaminé expelia fumaça e a porta estava encostada. Ela não era nada convidativa, mas era tudo o que estava ao meu alcance e me dava a sensação de não ser a única naquela floresta inóspita. Aproximei-me.

Segui furtivamente até a casa, quando levantei a mão para abrir a porta, um grito estridente veio do meu lado direito, mais especificamente por entre as gélidas árvores, passei os olhos por elas até meus olhos captarem um animal que se destacava por sua forma mais escura. Um corvo. Assustei-me pois ele estava relativamente perto de mim. Seria um aviso para eu não entrar? Seria o corvo um aviso de que de alguma forma havia vida lá? Minha mão esquerda alcançou a porta e abriu-a por alguns centímetros até que aquele som me atingiu. Nem mesmo o frio e a chuva gelada fizeram os pêlos do meu corpo se eriçarem tanto quanto aquele som: um grito.

Um grito agudo e muito alto, muito torturante e com certeza, um misto de pavor e dor. Parecia com o grito de uma pessoa jovem e saía de dentro da casa. Corri nos próximos dois segundos que se seguiu o alto som, corri floresta adentro sem me importar com o peso extra que as roupas molhadas faziam sobre mim, corri como se não houvesse um nevoeiro que encobria — agora a floresta toda — e corri como se aquele lugar não fosse um labirinto de árvores que me atrapalhavam na fuga. Depois de algum tempo correndo por alguma direção aleatória e a adrenalina baixando, eu não saberia dizer se depois de tantos zigue-zagues eu não estaria correndo direto à cabana. Ninguém poderia dizer…A não ser o corvo que me olhava de cima do galho da árvore mais próxima. Pus - me a correr novamente e dessa vez ousei a olhar para trás, apenas para vê-lo voando atrás de mim, pronto para me agarrar com suas garras estendidas como se fossem as

garras de um monstro em um pesadelo. Quando consegui tomar distância do animal, a sensação que eu tive era de que desabava em câmera lenta em direção ao chão lamacento. Senti uma dor terrível no tornozelo quando caí para o lado. Eu havia torcido o tornozelo ao pisar numa poça encoberta com água da chuva, o fato do nevoeiro não ter se dissipado também não ajudou para visualizá-la. Olhei por cima dos meus ombros tentando alcançar com os olhos algum galho onde eu pudesse enxergar a minha ave perseguidora, não a encontrei.

Senti pela primeira vez algo a mais escorrendo pelo meu rosto além das gotas da chuva, eram lágrimas. Eu não sabia se o fato de não vê-la era melhor do que o fato de vê-la. Aos poucos me levantei e segui me apoiando nas árvores, arrastando o pé com o tornozelo torcido, sempre com os olhos atentos ao chão para não cair novamente e machucar o outro tornozelo. Caminhei por cerca de trezentos metros e de repente todos os meus sentidos ficaram alertas: sentia que estava sendo observada. Estava com medo de olhar o que me espreitava, mas agarrando o pouco da coragem que ainda restava, levantei os olhos para os galhos à frente. Sempre para os galhos, era lá onde ele ficava, todas as vezes. E ele olhava para mim mais uma vez, sem jamais me perder de vista, o fato de não conseguir vê-lo não significava que ele não podia me ver, e com isso subitamente lembrei do grito jovial e, subitamente, ele avançou. E nesse momento foi minha vez de gritar.

APRESENTAMOS O CONTO

MEDO

POR CLAUDIA VECCHI-ANNUNCIATO

Claudia Vecchi-Annunciato é Bióloga, Pedagoga, com Mestrado e Doutorado em Ciências pela USP. Descobriu-se escritora depois de passar pelo tratamento de câncer de mama. Adora histórias e contos de suspense e terror.

Instagram:

www.instagram.com/clauvciato

Medo? Não, pavor! Não vejo nada, só ouço meu coração descompassado tentando encontrar o próprio ritmo e o suor gelado pingando da testa. Ou será sangue? Não! É suor! O sangue é quente, pegajoso e até certo ponto aconchegante quando se está com medo. Essa essência de vida surgiria com tranquilidade, com uma certa classe, para descer calmamente por minhas têmporas. O sangue não é vulgar, não pingaria simplesmente. Se fugisse de meu ser denotaria drama, não excreção.

Como eu posso pensar na beleza do sangue correndo calmamente dentro e fora do corpo naquele momento?

Meu cérebro tenta me distrair, procurar palavras e descrições suaves tentando amenizar o desprazer do suor decorrente da adrenalina e do medo. Não, do pavor! Que agora domina cada célula do meu corpo.

Tateio no escuro. Existe um vão. Tento me esgueirar naquele buraco. Ou seria um túnel? Cérebro tenta vislumbrar uma esperança. O pavor terá fim?

Silêncio.

Regulo a respiração, sinto o cheiro do meu suor e da poeira. Quanto tempo teria que ficar ali em silêncio? Minha respiração está me traindo? Estou em silêncio absoluto? Como vou sair daqui?

Calma… Sobreviver só mais um momento, afinal, a vida é sempre assim, um momento de cada vez.

O suor pinga, dessa vez percebo que chama a atenção do meu perseguidor. Ele se gira lentamente. Não o vejo, mas percebo seus movimentos, não sei como.

Sinto que estou respirando o ar que saiu de suas narinas e me enojo. Não respiro. Não me mexo. Tento manter meus pensamentos imóveis.

Um som arrastado, entre o chão áspero e uma tábua de madeira. Ou uma porta velha? Não sei, apenas me apego à esperança e continuo imóvel. O pensamento gira, como fui parar ali?

A noite, a música, as luzes, as pessoas, o copo… o copo destampado!!!!

Tantos avisos, tantas histórias! Será? Drogas em um copo?

O barulho do encaixe entre o pó e a madeira. O silêncio absoluto.

Aguardo segundos, minutos… horas? Não sei e, quando tento me mexer, percebo que não há para onde.

Não é um túnel e, agora, está fechado.

APRESENTAMOS O POEMA
A CASA

POR DANIELA BLOC DE CASTRO E SILVA

Daniela Bloc de Castro e Silva é formada em Direito pela UFC, mas sempre atuou na área da Educação. Fez especialização em Psicopedagogia e sempre foi apaixonada por ler e escrever. Essa grande paixão fez com que ela ingressasse no maravilhoso mundo dos livros.
É autora de diversos livros e coletâneas.

Temerária e inóspita vizinhança
Precisamente uma casa abandonada
Em uma álgida e insone madrugada
Da janela, pude ver com segurança

Não menos gélido o impiedoso vento frio
A uivar pelas frestas em que se insurge
Dos meus pelos eriçados ao arrepio
Eis que a lânguida imagem dela surge

Com olhar tenebroso e distante
De vestes rotas e bem ensanguentadas
Numa trôpega e sinistra caminhada
Aproxima-se aquele ser errante

Sua boca disforme e arregaçada
Seu semblante assombroso e doentio
Permaneço ali só e paralisada
E o meu corpo em intenso calafrio

Como mágica, em medonha escalada
Nas paredes subia lentamente
Esgueirando-se até uma sacada
E adentrando pela janela da frente

Ouço passos a pesar no corredor
Fortemente começo a tremer
Inserta em uma cena de terror
Dominada pelo medo de morrer

E quando então se aproxima aquele ser
Abjeto, sinistro e apavorante
Sinto meu corpo então desfalecer
A tombar pelo chão em um rompante.

APRESENTAMOS O CONTO
O FANTASMA DE CRISTAL

POR GILSON MÉDICI

Gílson Médici é de Itaú de Minas, MG. Formado em Análise de Sistemas pela Universidade Mackenzie e Filosofia pela Universidade Cidade de São Paulo. Tem vários livros publicados, dois infantis, inclusive, e participações em diversas antologias. É Membro Efetivo da Academia Peruibense de Letras, ocupando a Cadeira 27.

— Há muito tempo, aqui mesmo na nossa cidade, viveu uma moça muito bonita que, dizem os mais velhos, ainda habita entre nós.

— O que é habita?

— Mora, convive...

— Onde que ela mora?

— Sua tonta, ela já morreu.

— É verdade, minha filha... E quando morreu, estava prestes a se casar. Não havia quem não gostasse dela. Era linda, simpática e cheia de charme. O seu noivo, porém, pecava pelo oposto.

— Era feio?

— Feio, não... Sem graça. Ainda assim, despertava em todos os outros moços uma admiração danada.

— Não seria inveja, tio Gerbi?

— É... Talvez.

— Era sim.

— Eles estavam construindo uma casa enorme, quase um palacete. Todos os dias, para alegria dos pedreiros, ela ia até lá para ver como estava a obra. Dava palpites aqui e ali. Tal era o seu jeito simples e amável que os trabalhadores não se importavam em fazer e refazer as coisas, pelo contrário, atendiam seus pedidos com muito gosto. Queriam mesmo era que tudo aquilo demorasse.

— Por quê?

— Para estar com ela por mais tempo.

— Eles sabiam que ela ia morrer?

— Não, Tess, claro que não. Como eles poderiam saber?

— Continua, tio.

— Um dia, na hora do almoço, ela foi lá, mas não encontrou ninguém. Pudera, tinham saído para almoçar. Aí, ela ficou olhando a construção e identificou onde seria seu quarto de dormir.

— Onde?

— Ficava no segundo andar.

— Nossa, lá em cima. Igual o do Marquinhos.

— Isso mesmo. Então, quis ir até lá, mas só podia fazê-lo se subisse nos andaimes.

— Andaimes, tio?

— São estruturas de canos de ferro, encaixados um no outro. Mais ou menos como duas escadas de frente uma para outra.

— E tem as tábuas, não é, tio?

— Tem. Tem as tábuas. E elas ficam soltas. Era preciso ser treinada para se equilibrar sobre elas.

— Ai, ai...

— Sem se preocupar com esses detalhes e de posse do vigor juvenil (ela era um pouco mais velha que vocês), começou a escalar aquela coisa estranha.

— Ela tinha a idade da Clarisse?

— Não, da Beatriz.

— Então, ela era bem mais velha.

— Certo. Continuando. Chegou ao topo sem maiores dificuldades. Sentiu-se cheia de brio, de força. Olhou em volta e pôde apreciar as montanhas ao longe, as casas próximas e as paisagens que logo passariam a fazer parte do seu dia a dia. Caminhou pelo cômodo, apreciando cada canto dele. Ela era toda sorriso: estava mais feliz que nunca.

— Nossa.

— Só que chegou o momento de ir embora. Quando olhou para baixo sentiu medo pela primeira vez. Não pensou que para descer fosse mais difícil. Podia esperar pelos trabalhadores. Chegou a pensar que devia mesmo esperar por eles, mas o orgulho que

latejava em seu sangue não permitiu tal demonstração de fraqueza. Se subiu sozinha, desceria sozinha. Como não?

— É mesmo.

— Aconteceu, porém, que ao apoiar o pé numa tábua, perdeu o equilíbrio e caiu.

— Ooohhh!

— Não havia nada, nem ninguém, para ampará-la e seu corpo frágil chocou-se violentamente com o chão. O barulho surdo do baque ecoou sem encontrar quem o ouvisse. Aquele rosto tão belo estampava agora uns olhos arregalados de espanto, que lentamente foram se tornando opacos, até que ela respirasse pela última vez e o brilho deles desaparecesse para sempre.

— Morreu.

— É... Morreu.

— Foi como se um vendaval atingisse a cidade. Ninguém queria acreditar que a sua princesa tivesse partido. Ainda mais daquela forma.

— É mesmo.

— Sua mãe colocou nela o vestido de festa mais lindo que possuía: longo, rodado, azul claro com alguns detalhes brancos, como de uma fada. Era assim, como uma fada, que queria que a vissem pela última vez.

— Ela virou uma fada?

— Não, uma fada não. Mas nenhum outro enterro, em toda a nossa história, foi tão concorrido. As pessoas vinham de todos os lados para o último adeus. O choro incontido banhava os rostos dos que se aproximavam para vê-la. Seu semblante sereno e belo emocionava. Era impossível não derramar lágrimas de compaixão.

— E o cara que ia casar com ela?

— Esse quase perdeu o juízo. Mandou parar a construção imediatamente, não ia precisar mais dela. Chegou mesmo a amaldiçoar o fato de existir. Pensou em derrubá-la, até mesmo em explodi-la. Mas nada fez a não ser abandoná-la como estava, como um monumento ao amor interrompido.

— Nossa.

— Aí, aconteceu o seguinte: os dias passavam, mas as pessoas não deixavam de pensar e falar nela. Era como se não tivesse partido, como se estivesse presente no ar que aquela gente respirava. Então, alguém a viu entre as paredes inacabadas daquela casa. Chegou a jurar!

— Viva?

— Claro que não, sua tonta.

— A notícia se alastrou como um raio, causando espanto e incredulidade. Quer dizer, tinha gente que não acreditava. O lugar passou a ser motivo de visitas diárias. Todos queriam vê-la. No entanto, só uns poucos, os que tinham o desejo mais forte, mais arraigado, conseguiam. Para estes, bastava firmar os olhos para vê-la no seu vestido de festa. Viam até mesmo o sorriso encantador que a tornara tão querida.

— Nossa.

— Com o passar do tempo ela foi vista em outras obras da cidade; bastava existir uma construção para que ela aparecesse.

— Ela ia de que jeito?

— Os mais velhos diziam que sua aparição era para proteger essas construções dos gatunos. E, é claro, das crianças que entravam lá para bagunçar o trabalho dos pedreiros.

— Proteger das crianças, pai? Acho que não.

— O fato é que o fantasma de Cristal virou motivo de temor daqueles que agiam assim.

— A moça se chamava Cristal?

— Sim.

— Que nome estranho.

— Ela surgia e os impelia a parar. Fazia isso sem nenhum estardalhaço, apenas sorria e balançava a cabeça em desaprovação. Era o suficiente para fazê-los sair em disparada.

— Imagino.

— É...

— Se tivessem um mínimo de coragem e olhassem para trás, notariam a tristeza que surgia em seu rosto ao vê-los tão apavorados. Não era sua intenção assustá-los, pelo contrário, queria tê-los em sua companhia, conversar um pouco.

— Conversar?

— Apenas isso.

— Credo.

— Ela se sentia muito sozinha.

— Tadinha...

APRESENTAMOS O CONTO
A DEFUNTA DO BAILE

POR GRACITA FRAGAI

Maria das Graças Fraga. Educadora pós graduada em Mídias na Educação. Escritora com treze livros publicados. Escreve poemas para adultos e contos e poemas para crianças. Gosta de blogar. No seu blog www.sonhossepoesia.blogspot.com publica os seus poemas para adultos. E no blog ww.livrosseleiturass.blogspot.com publica contos e poemas para crianças. Usa o pseudônimo "Gracita Fraga" para assinar as suas obras literárias.

Belarmino morava no pacato vilarejo perto da cidade Afoga Bode que fica no sertão alagoano.

O vilarejo havia parado no tempo. O progresso não chegara naquele lugar. As casinhas danificadas pelo implacável tempo eram adornadas com portinholas coloridas. Elas compunham o traçado das ruas de terra batida. Lá no alto do morro ficava a capelinha de São José, o padroeiro do vilarejo.

O vilarejo não oferecia opções de trabalho. Os moradores trabalhavam nas roças carpindo o mato e à noite iam se divertir no único buteco do vilarejo. Zé fumaça servia a todos as iguarias da casa: cachaça de alambique e choriço para tira gosto.

Certo dia ao chegar no buteco do Zé Fumaça, Belarmino percebeu um rebuliço diferente. Os homens falavam e gesticulavam com energia. Todos muito alvoroçados.

Sentou-se num canto como de costume. O Zé trouxe a sua cachaça preferida e perguntou:

— Você vai ao baile, Belarmino?

— Que baile?

— O baile que a Nena está organizando naquela casa atrás do cemitério.

— Cruz credo! Aquela casa é assombrada. Dizem que os mortos saem do cemitério e ficam andando pela casa como almas penadas.

— Deixe de bobagem homem! Tem assombração não. Se aprume que o baile é na sexta feira.

— Baile na sexta feira 13 numa casa assombrada. Vou não.

— Se você não for vai ser chamado de medroso e todo mundo no vilarejo vai rir de você.

Belarmino foi para casa pensando no que o zé disse. Se ele não fosse os amigos iam ficar zombando dele. Quer saber de uma coisa, eu vou! Com a casa cheia de gente as almas não vão ter coragem de assombrar.

No dia seguinte levantou bem cedo, deu um trato no fusca e foi para a roça. Depois de lavorar passou no buteco do Zé para tomar um traguinho e aquecer o esqueleto pois o fria estava congelando os seus ossos.

Sexta feira! Belarmino saiu da roça e foi direto para casa se aprontar para o baile. O velho terno cheirava a naftalina e a gravata surrada estava puída.

Tomou um banho de bacia, vestiu-se. Se olhou no espelho e gostou do que viu. Só faltava ajeitar o cabelo. Pegou um vidro de brilhantina em cima da cômoda e untou os cabelos até que eles ficassem brilhantes. Sorriu com gosto! Nem um fio fora do lugar.

Belarmino pegou a chave do fusca e saiu satisfeito. Se tivesse sorte até uma namorada ia arrumar.

Adentrou no salão. A iluminação era parca e quase não se via nada. As chamas dos lampiões formavam imagens cadavéricas nas paredes. Lá fora o pio de uma coruja completava aquele cenário de morte.

Belarmino sentiu um arrepio de pavor quando uma mão gelada tocou em seu braço. Olhou de soslaio! Uma linda moça sorria convidando-o para dançar.

Apavorado esboçou um pálido sorriso e levou-a para a pista de dança.

Dançavam alegres e despreocupados quando ouviram as badaladas do relógio da igrejinha. Era meia noite!

Outra vez Belarmino sentiu o seu corpo estremecer. Cora, a moça que com ele dançava, disse que era chegada a hora de ir para casa.

Belarmino ofereceu uma carona que Cora aceitou com satisfação. Rodou pelas vielas estreitas e parou em frente à casa de número 15.

Tomou Cora em seus braços e a beijou com paixão. Belarmino sentiu seus lábios enrijecerem. Cora tinha os lábios mais frios do que uma defunta.

Dias se passaram e nada de encontrar Cora. Belarmino se lembrou da casa onde ela morava. Vestiu novamente o seu terno surrado e foi ao encontro da amada. Nervoso bateu na porta chamando por Cora. Uma senhora muito magra e desnutrida veio em sua direção. Belarmino perguntou por Cora e a pobre senhora começou a chorar e disse que Cora havia partido há dois anos.

— Isso não é verdade, senhora! Eu dancei com ela no baile da semana passada.

— Se não acredita vá no cemitério. No túmulo perto da capelinha repousa os ossos da minha amada filha.

Alucinado dirigiu até o cemitério. Com as faces esquálidas de pavor Belarmino viu o vestido de cora e o relógio que ele lhe dera em cima do túmulo. Petrificado com a cena ouviu uma voz que dizia:

— Você veio meu amor! Agora ficaremos juntinhos para sempre!

Lágrimas escorriam da face de Belarmino que não resistiu ao susto. O seu corpo inerte tombou em cima daquele túmulo.

Naquelas paragens nunca mais se ouviu falar de Belarmino.

O povo comentava que Belarmino foi apenas mais uma alma arrebatada pela defunta do baile.

APRESENTAMOS O CONTO

A HERANÇA

POR MAURO M. MASSUDA

Mauro M. Massuda é paulistano nato, formado em Administração de Empresas, leitor desde a mais tenra idade, e escritor nas horas vagas. Pai de uma filha adorável, que é a sua principal plateia para as histórias que cria, mas também interessado em política, ficção-científica, mundos de fantasia, sempre atrás de sua própria jornada de herói.

Silva estava injuriado. E aturdido. Confuso por dentro, nervoso por fora.

O embrulho, largado no chão da sala de estar, tinha pouco mais de um metro de comprimento, uma polegada de altura, e talvez dois pés de largura. Papelão e fita adesiva, um bilhete escrito a mão. Empoleirado em seu sofá, ele olhava como se fosse uma carta-bomba, enviada por algum grupo terrorista, tentando envolvê-lo em alguma empreitada suspeita. O bilhete tinha apenas seu nome e o número do apartamento, e era tudo que havia para resumir algo muito ruim - uma pendenga em família.

"*Olha, vou passar aí amanhã e deixar na portaria de seu prédio, certo?*" reverberava a voz de seu irmão em sua cabeça. A conversa por telefone, na véspera, bem na hora do jantar, havia sido um debate entre surdos, com um deles bem assustado. Silva encarava seu irmão com respeito, já eram crescidos, cada um tinha sua própria família, carreira e problemas, e ele não tinha mais tempo para lidar com coisas que soavam como criancice.

"*Dê para alguém que precise*", Silva havia respondido.

"*Era lá da casa de nosso pais, o certo é ficar com você, pode fazer o que quiser com ele*", replicou seu irmão.

"*Por quê?*", Silva perguntou, enquanto balançava uma colher cheia de feijão em frente ao rosto da filha, como um pescador tentando ludibriar um peixe. Mas a menina havia se decidido a recusar feijão naquela noite.

"*É o que tem que ser, você é o filho mais velho, as coisas da família deviam ter ficado contigo*", explicou ele.

Silva suspirou, derrotado pela teimosia de sua filha de cinco anos em sua guerra contra o feijão, e pelas novas manias de seu irmão mais novo. Seus pais haviam falecido havia uns dois anos, com alguns meses entre os velórios. Haviam estado casados por décadas, talvez não tivessem aguentado ficar longe um do outro. Depois veio a partilha, cada um escolheu o que queria pegar da antiga casa da família, e o imóvel foi vendido. Lidaram com os pertences pessoais, papelada, advogado e tudo mais. Haviam resolvido tudo de forma amigável. "*Como papai e mamãe gostariam*", eles diziam um para o outro.

Mas agora seu irmão inventara de discutir sobre um objeto da herança. Um só. O embrulho foi deixado na portaria do prédio, seguido por uma saída à francesa, sem dar um "*oi*", e sem responder no celular. Talvez não fosse nada de mais, era só achar um lugar para deixar aquilo encostado, nem era tão grande assim. Tinha coisas mais complicadas

para lidar. Pelos próximos dias sua esposa estaria viajando a trabalho, e ele estaria por conta, cuidando sozinho da filha. De dia seria tranquilo, ela ficaria na escolinha, ele iria trabalhar, e de noite era questão de dar banho, jantar, brincar, e dormir. Seu irmão não estava largando um trombone, um bode ou um piano de cauda na porta de sua casa.

Era só um espelho.

Mesmo assim, ele encarava aturdido o embrulho. Suspirou fundo, e pôs-se a trabalhar com a tesoura. Cinco minutos depois lá estava ele, refletindo seu rosto com a barba por fazer, naquela realidade invertida que todo espelho contém. Pensou onde colocar aquilo, já tinha um espelho enorme no próprio quarto, cobrindo toda a porta de um armário. Lembrou-se de seu desconforto com essa escolha feita pela esposa, como havia discutido por dias sem fim, quando encomendaram os móveis planejados.

"*Tem espelho no banheiro*," ele argumentava.

"*Homem se contenta em ver só o próprio rosto no espelho, para não ter que encarar a barriga de chope no reflexo*," rebatia ela, azeda. Era só um desejo movido a vaidade, ela queria um espelho de corpo inteiro. Ele desistiu de brigar por isso, apenas para contentar sua cara-metade. Com o tempo, deixou de se assustar quando levantava da cama, e via a si mesmo no reflexo, em meio ao escuro.

Onde pendurar aquilo? Na sala de estar, não. Talvez a esposa até quisesse, mas não um naquele tamanho, certamente só lhe traria a ideia de encomendar outro, que cobrisse a parede inteira. Não sobravam muitas opções, e então uma ideia lhe veio à cabeça. Pegou a peça e correu para o quarto da filha, vazio naquele momento, pois sua dona estava brincando com bolinhas de sabão na creche.

Já era final da tarde quando ele foi buscá-la. A pequena o abraçou com força, e ficou animadíssima ao saber que havia uma surpresa a aguardando em casa. Correu com suas perninhas curtas direto para seu quarto de paredes cor-de-rosa, assim que chegaram. Silva ouviu risadas animadas, enquanto trancava a porta e depositava a mochila da menina no sofá. Encontrou-a admirando o próprio reflexo, cheia de sorrisos. Tinha sido uma boa ideia, ela adorava se ver no espelhão que havia no quarto da casal, e agora tinha um só para ela.

Após o banho, a menina correu para o quarto, enrolada em sua toalha, querendo se ver novamente. E durante o jantar, pediu tantas vezes para se ver no espelho, até Silva desistir e levar a menina com seu pratinho para o quarto, e jantarem olhando suas imagens invertidas. Tinha sido um dia perfeito, ainda que bem cansativo.

Então veio a noite.

"*Papai, quero dormir aqui com você*," Silva ouviu, enquanto uma mãozinha gorducha empurrava sua bochecha. Reconheceu a voz de sua filha, e olhou para o relógio no criado-mudo. Três da manhã.

"*O que foi, meu bem?*" ele perguntou, sentando na cama e acendendo o abajur. A menina sentou ao seu lado, e o abraçou. Lembrou das primeiras semanas quando ela começou a dormir sozinha no quarto, há alguns meses, e como ela se esgueirava de volta para deitar na cama com o papai e a mamãe, às vezes os acordando como fizera agora, em outras apenas se aninhando entre eles, em silêncio.

"*Não consigo dormir lá no quartinho, quero dormir aqui com você,*" ela explicou, esfregando os olhinhos. Silva pensou por um instante qual poderia ser o problema, e só havia uma coisa nova no quarto, que podia explicar aquele comportamento.

"*É o espelho que te incomodou, filha?*" perguntou em voz baixa.

"*É, e não é, papai,*" ela respondeu, enigmática.

"*O que é então, amorzinho?*" ele perguntou, colocando-a no colo.

Não houve resposta. Sentiu que ela estava quieta, talvez o ato de colocá-la no colo tivesse feito ela cair no sono. Mas a menina estava com os olhos bem abertos, pensativa. Se aninhou toda, como se buscasse proteção entre seus braços. Um vento frio percorreu o quarto. "*É a menina no espelho, papai, ela fica me chamando e não me deixa dormir,*" disse a menina.

Cinco minutos depois, com as luzes acesas nos dois quartos, Silva estava com a filha, olhando o espelho. Ele examinou as janelas, e haviam andado por toda a casa, para mostrar para a menina que não havia mais ninguém por lá. E o desafio final foi o espelho. Sentaram-se com cuidado em frente a ele, no chão mesmo.

"*Está vendo, filha, é só nosso re-fle-xo, somos nós mesmos, o espelho só reflete,*" ele tentou explicar da melhor forma como pôde. "*Você acordou de noite, esqueceu que tinha o espelho, e achou que era outra menina. Mas era só a sua imagem.*"

A filha apenas ouviu, sem nada dizer, segurando firme em seu braço.

"*Isso acontecia também com o papai, sabe? Quando eu era criança, um pouco mais velho que você agora, eu acordava no meio da noite e via outro menino no meu quarto, mas era só minha imagem no espelho,*" Silva achou importante explicar, compartilhar uma experiência com ela, e mostrar que era um engano normal.

Sentiu as mãozinhas dela apertando ainda mais seu braço. Ele se inclinou, e a colocou em cima de suas pernas. Ficaram alguns minutos assim, em silêncio.

"*Papai, eu abri os olhinhos e olhei no espelho,*" ela começou a explicar, falando baixinho, "*e vi eu no espelho… E aí eu pisquei…*" a menina ergueu o rosto, fechando os olhos com força, para mostrar como fizera, "*só que lá no espelho a menina não piscou.*"

Silva suspirou, em alívio, e segurou a vontade de dar uma risadinha. A imaginação infantil era bem fértil, e ele queria respeitar isso. Pensou um pouco, e resolveu propor um jogo.

"*Bom, você é bem rápida para piscar os olhos, que tal a gente fazer um teste para você ver que é só seu reflexo?*" ele disse, e sua filha ouvia atentamente. "*Vou piscar primeiro, e você confere no espelho que o homem lá está piscando, e depois é a sua vez, certo?*"

A menina riu, nada como um jogo para animar uma criança. Ficaram alguns minutos piscando para o espelho, primeiro ele, e ela confirmou que seu pai e a imagem dele fechavam os olhos juntos. Depois trocaram, e Silva avisava que a menina no espelho havia piscado ao mesmo tempo que ela. Riram de novo, juntos.

Ela o abraçou, tranquila, fechando os olhos e apoiando a cabeça em seu peito. Silva pensou em falar para ela dormir em sua própria cama, com aquela situação resolvida. Mas sentiu-se incomodado. Em alguns momentos, ficara com a impressão de que a filha havia piscado, e o reflexo no espelho, não. Podia ser somente engano seu, afinal de contas tinha que ficar virando a cabeça de lado para outro para comparar, podia ter perdido algo. E então viu, pelo canto dos olhos, um movimento.

Virou-se e encarou o espelho. E lá, no reflexo, estava apenas ele mesmo, segurando uma menina, que o olhava de volta.

Mas sua filha ainda estava com a cabeça afundada em seu peito.

Sentiu um vento frio atingindo suas costas, apesar das janelas fechadas. A menina no espelho o encarava e mostrava a língua, zombeteira. Olhou então para si mesmo no espelho, e o homem que estava lá sorria de forma grotesca, mostrando todos os dentes, numa caricatura de si mesmo, com todos os músculos da face rígidos.

Tinha que ser uma miragem. Haviam se acumulado o cansaço por ter sido acordado de madrugada, do dia de trabalho e de cuidar da menina. Mas os dois reflexos continuavam lá, encarando-o em galhofa. Abraçou a filha com um pouco mais de força, e a menina já havia caído no sono, ao contrário de sua imagem no espelho. Pensou que isso

tinha que ser só uma ilusão, como acontecia quando ele era uma criança, e se assustava ao acordar no meio da noite, e olhava para si mesmo no espelho que havia em seu quarto.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha, e engoliu em seco. Percebeu então algo que lhe escapara o dia todo: aquele era o mesmo espelho que ficava no seu quarto, quando criança. Seu irmão havia se apropriado dele, e se arrependera, a ponto de querer devolver-lhe sem explicações.

Silva se levantou num pulo, abraçando a filha ainda dormindo em seu colo, seu braços como escudos. Saiu do quarto, sem olhar para trás, e se virou para puxar a maçaneta. Num último instante, olhou para o espelho. Os reflexos de homem e de menina ainda estavam sentados no chão, mas inclinados para a frente, encarando-o de volta até a porta se fechar. Sorrindo. E continuaram sorrindo, mesmo quando ele apagou a luz.

APRESENTAMOS O CONTO PARASITA

POR MIGUEL LINCAR

Miguel Lincar nasceu em Goiânia, GO no dia 07 de Julho de 1993. É formado em Fisioterapia pela Universidade Paulista - UNIP. Publicou o livro Procura-se Alice (2018). Contato: brunohenriquedemelo@hotmail.com.

Havia algo de errado com minha vizinha.

Essa ideia prolificava em minha mente como um parasita, aproveitando-se dos momentos de puro devaneio, nos quais divagava comigo mesmo sobre os acontecimentos estranhos que presenciara pela janela da sala de estar.

Impulsionado pelo medo e pela estranheza do que vi, senti a necessidade de registrar os acontecimentos presentes neste relato.

Tudo começou em uma tarde chuvosa. Naquele dia em questão, acordara com uma dor lancinante em minhas pernas e quando isso acontecia era um sinal claro de que teria um longo e doloroso dia pela frente.

Passar o dia confinado a uma cadeira de rodas não ajudava em nada minha condição álgica, que só piorava, levando-me à necessidade de doses cada vez maiores de analgésicos. Meu fisioterapeuta, o doutor Diego, era um homem respeitável e um excelente profissional. Ele sempre dizia: "Não reclame, Inácio. Pela gravidade do seu acidente e pela extensão da sua lesão medular, é um milagre que ainda consiga mover os braços". Talvez ele estivesse certo e eu não devesse reclamar tanto.

Lembro que olhava a chuva torrencial pela janela ao mesmo tempo em que massageava meus joelhos doloridos, quando vi a velha Odete sair as pressas pela porta e ficar estagnada na chuva. A mulher devia ter uns setenta anos de idade e isso não a impediu de se aventurar em meio a uma tempestade com fortes rajadas de vento.

Aquilo me intrigou, mas logo abandonei a ideia, que se perdeu em meio as infinitas preocupações que insistiam em me acompanhar.

Mas aquela ideia voltou a me assombrar quando, em uma noite, durante o noticiário das oito, levei um susto ao ouvir um automóvel frear bruscamente. A princípio, não dediquei maior importância ao fato, afinal, era comum os jovens do bairro organizarem rachas automotivos. No entanto, fui surpreendido pelo ruído estridente e mortal de um disparo de arma de fogo.

Empurrei a cadeira até a janela e podia jurar que vi alguém puxar um corpo para dentro da residência de Odete. Notei também que um carro, ainda com o motor ligado e a porta do passageiro aberta, estava parado no meio da rua, como se alguém o tivesse abandonado as pressas.

A velha saiu da casa logo depois, com passos lentos e coluna encurvada, e pude ver claramente que seu vestido estava coberto de sangue. Odete havia sido ferida na

região do abdômen por um disparo de arma de fogo, mas caminhava como se nada estivesse acontecendo.

A senhora entrou no carro, ajeitou o banco do motorista e dirigiu calmamente em direção ao fim da rua, desaparecendo da minha vista.

Com a respiração ofegante, empurrei a cadeira até o telefone. Minha euforia era tamanha que me descuidei ao girar a cadeira e bati meu pé esquerdo com tudo na quina da cômoda. Não senti nada, mas vi o filete de sangue descer pela lateral do pé.

Liguei para polícia e narrei o que vira para a atendente do outro lado da linha. Sabia que a mulher de voz firme não acreditara em uma palavra do que eu havia dito, mas fiquei aliviado quando a mesma finalizou a ligação dizendo que iria mandar uma viatura até o local.

Retornei para a janela a fim de acompanhar o desenrolar da história. Agora com um binóculo pude ver com mais clareza Odete voltar para casa, mas sem o carro. Pode parecer loucura, e talvez seja, mas da boca de Odete saíam finos tentáculos que moviam-se de um lado ao outro, entrando e saindo de sua boca entreaberta e também pelo ferimento em seu abdômen. Aquilo me arrepiou dos pés a cabeça.

Pouco depois uma viatura da polícia parou de frente para sua casa. Dois policiais enormes desceram do carro e foram até a porta da vizinha. Odete recebeu os oficiais com um olhar de surpresa no rosto. Ela havia trocado de roupa e usava uma toca com estampa florida para cobrir seus cabelos brancos. Depois de uma rápida conversa, os homens adentraram a residência.

Demorou cerca de dez minutos para os policiais saírem da residência e, para minha surpresa, carregavam um corpo. A iluminação era precária, mas pude notar que se tratava do corpo de Mike, um dos meus vizinhos que morava no fim da rua. O corpo foi colocado no porta-malas da viatura e, logo em seguida, o carro saiu cantando pneu.

Naquela noite não consegui dormir tamanho era meu espanto com o que estava acontecendo. Minha mente ansiava por uma explicação lógica para tudo aquilo, mas já era de manhã quando finalmente me dei por vencido e aceitei que certas coisas na vida não tinha explicação.

Assim que me acomodei na cadeira de rodas, a campainha tocou. Por algum motivo aquilo gelou minha espinha. Eu nunca recebia visitas, a não ser do meu Fisioterapeuta e da assistente social. Mas ambos não viriam tão cedo, pelo menos não sem avisar.

Movi a cadeira o mais silenciosamente que pude e espreitei pela fresta na janela. Meus olhos ficaram arregalados ao ver o Mike parado na minha porta. Sim! O mesmo Mike que vi sendo colocado inconsciente na viatura na noite passada.

De onde eu estava, pude observar seu estado físico e tudo parecia estar bem, exceto por seu sorriso nitidamente forçado. Não havia nenhuma marca em seu rosto ou em seus membros, nada que indicasse alguma agressão.

O homem insistiu por alguns minutos e depois, vencido pelo cansaço, passou um pequeno bilhete pela fresta da porta. Esperei para ter certeza que ele havia ido embora e só então fui até a porta, travei a cadeira e me curvei para frente até meus dedos agarrarem o bilhete.

Tratava-se de um convite de Odete para um jantar em sua casa naquela noite. Segundo o bilhete, a velha mulher iria se mudar e queria se despedir de todos os moradores antes de partir.

Odete era uma tradicional moradora do bairro e também muito querida entre os vizinhos. Então, naquela noite, me limitei a ficar olhando a movimentação da janela da sala. A todo momento um vizinho chegava para o jantar, acompanhado por toda a família, que trocavam beijos e abraços com a anfitriã antes de entrarem para dentro.

O que aconteceu naquele jantar é um grande mistério, pois estranhamente, todas as janelas da casa permaneceram com as cortinas fechadas.

Cerca de uma hora depois, enquanto quase caía no sono sentado em minha cadeira, fui despertado por uma movimentação entranha que vinha da entrada da casa de Odete. Os convidados saíam em fila, com olhos vidrados e movimentos estranhos. Nenhum deles sorria ou esboçava qualquer reação. Apenas se limitavam a caminhar com estrema organização até suas casas.

A partir daquele momento tive a certeza que algo estava errado e eu tinha que descobrir o que era.

A oportunidade perfeita surgiu dois dias depois, quando Odete saiu de casa no início da noite. Não tinha certeza se era a melhor escolha, mas decidi ir até sua casa para dar uma olhada de perto.

A porta da frente estava destrancada e quando a abri senti uma vontade de vomitar, pois o odor de putrefação que vinha de dentro era nauseante. Prendi a respiração e entrei na casa. O local era escuro e imundo. As rodas da cadeira deslizavam no chão gosmento, dificultando meu avanço. Foi somente quando cheguei à cozinha que vi os corpos

amontoados no chão. Eram os corpos de meus vizinhos e também dos dois policiais que atenderam meu chamado há três dias. Consegui visualizar também o corpo de Odete, que diferente dos outros, estava em um avançado estado de decomposição.

A intensa penumbra do local não me deixou vê-los a principio, mas assim que meus olhos se acostumaram à escuridão pude notar uma pequena movimentação em meio aos corpos. Fique assustado ao ver que vermes do tamanho de gatos devoravam a carne podre, entrando e saindo de seus corpos.

Estava tão impressionado com aquela cena grotesca que não notei que alguns vermes tentavam subir na minha cadeira. Eles eram negros e possuíam pequenos filamentos saindo de sua boca, balançando de um lado para o outro, enquanto tentavam se aproximar do meu rosto.

Com movimentos rápidos me livrei dos seres rastejantes e iniciei minha tentativa de fuga. Meu nervosismo combinado ao ambiente gosmento dificultou meu avanço para o lado de fora. Foi difícil, mas fiquei extremamente aliviado ao sentir a brisa suave da noite em meu rosto.

Com o fôlego descompassado, voltei para casa e só parei para respirar quando estava seguro em minha sala de estar. As rodas da minha cadeira estavam imundas, assim como minhas mãos e braços. Fui direto para o banheiro me lavar e só agora encontro forças para relatar o que vi no interior da casa de Odete.

A dúvida agora me consome. Estou confuso e com medo, e começo a questionar minha sanidade mental. Será que estou ficando louco?

Terminava de escrever este relato quando ouço um murmúrio do lado de fora. Deixo o papel e a caneta de lado e vou até a janela. Vejo todos os meus vizinhos parado em frente a minha porta enquanto a velha Odete toca minha campainha ao mesmo tempo em que gira minha maçaneta com truculência. Pela porta ouço o ruído que saí de sua boca e sei que aquilo não é humano.

Agora eles tentam arrombar minha porta. Desesperado, pego o papel e a caneta e vou para meu quarto e tranco a porta.

Uso meus últimos minutos de vida para relatar o que vi. Espero que encontrem este relato embaixo do assoalho solto de meu quarto e que isso o ajude a desvendar esta loucura que aqui descrevo.

Meus Deus! Ouço seus passos ao se aproximarem.

Em breve me juntarei a eles.

APRESENTAMOS O POEMA

UTI

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA – Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e Arte, tendo concluído, recentemente, Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

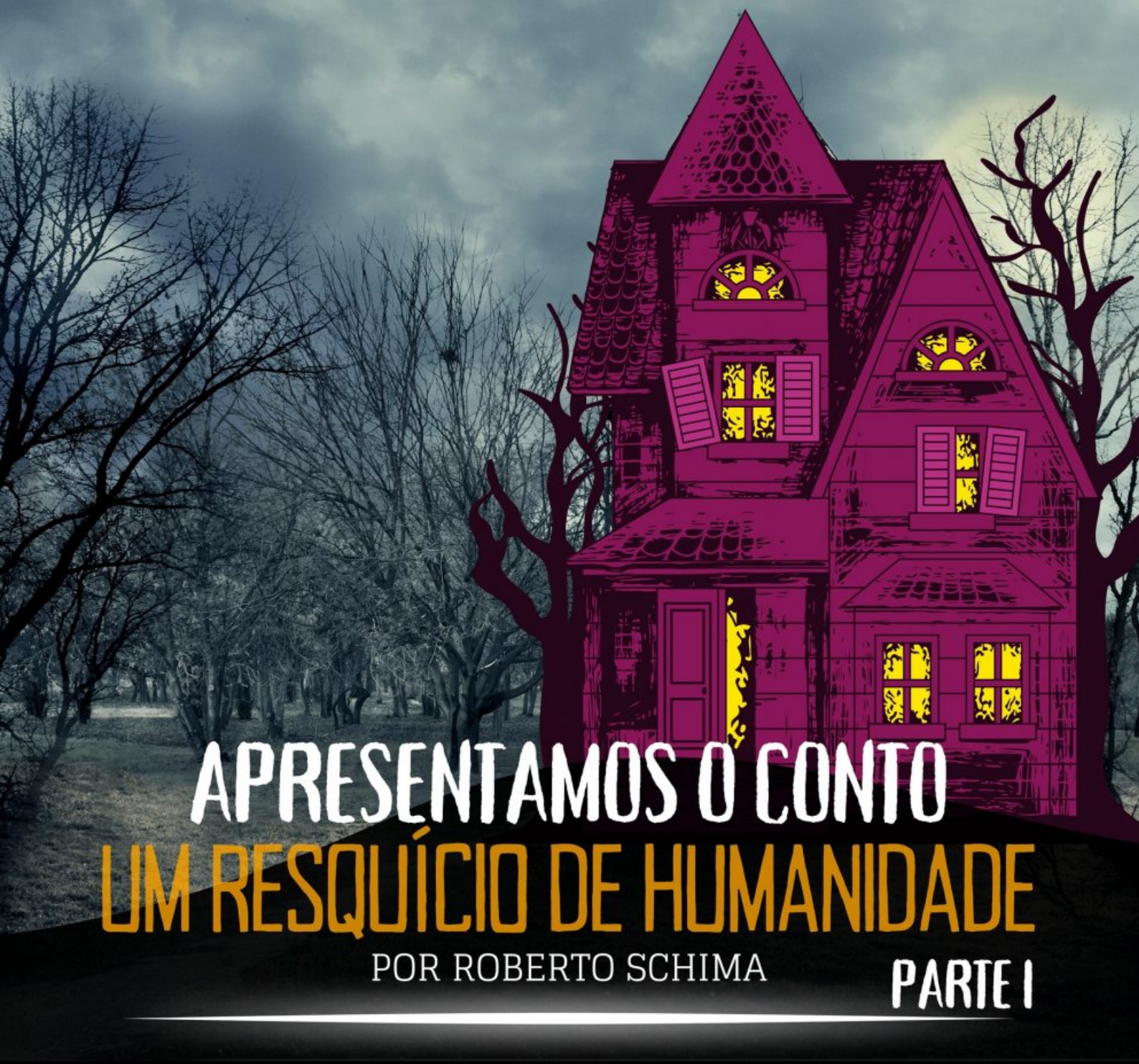
Respiram, por aparelhos,
os sonhos muito distantes.
No peito, em tons de vermelho,
sentimentos escaldantes.

Rugas e sombras no espelho
Fracas vozes sussurrantes...
Na mente, vagos conselhos,
antigos, agonizantes...

Sala vazia... estranha calma,
mente confusa e dormente.
Das mãos, exangues as palmas...

Macabro espaço silente...
O corpo teima “ter alma”...
manter-se sobrevivente.

In.: MÉTRICAS MACERADAS, Ed. Scortecci, SP, 2019



APRESENTAMOS O CONTO
UM RESQUÍCIO DE HUMANIDADE

POR ROBERTO SCHIMA

PARTE I

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônymo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista digital "LiteraLivre" Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos" etc. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

PARTE 1

Inverno.
Meados dos anos 80.
Era uma madrugada enregelante.

Pelas ruas vazias, o vulto caminhava em passadas incertas. Ao contrário de outras noites, não havia mais pressa. O solado emborrachado mal produzia ruído nas calçadas úmidas. De seu rosto tenso, pouco era visível ante a predominância da escuridão sobre a iluminação pública.

Chamava-se Alexander e pretendia se matar. Simples assim. Açoitado pelo vento, não se deu conta de ser observado. Se tirar a própria vida era a sua intenção, caso a coragem faltasse, alguém — ou algo — cuidaria de acelerar a sua passagem para o além, usurpando-lhe o calor da vida, enquanto a hipotermia da morte conduzi-lo-ia a mercê do Estige. Dirigia-se para a ponte suspensa sobre o rio que cortava a cidade.

No entanto, enquanto atravessava uma praça, sua atenção foi atraída por um guincho quase inaudível, um farfalhar e um baque amortecido pelo gramado.

Estacou.

Apesar de decidido a cumprir seu destino, um impulso o fez examinar a origem do som.

A coisa ainda se agitava, facilitando a sua localização.

Assim, sob a tênue claridade de uma lâmpada próxima, Alexander viu.

Tratava-se de um pequeno morcego semelhante àqueles que viviam nos forros das casas. Pela trêmula movimentação das asas e do corpo pequenino que inflava e esvaziava, estava claro que vivia.

Preso ao inesperado, o homem hesitou. Teve dúvida sobre o rumo a tomar: ignorar o animal e seguir o caminho que planejara? Ajudar a infeliz criatura? Mas os morcegos não transmitiam a raiva? Riu consigo do último pensamento, afinal, era uma preocupação inusitada vindo de um candidato a suicida. Se o morcego estivesse com uma das asas quebrada ou rasgada, não haveria nada a ser feito além de abreviar seu sofrimento. Alexander chegou mais perto.

O morcego parecia um camundongo de orelhas imensas. Os olhos cintilavam, fitavam Alexander intensamente, menos por medo e mais como a implorar por ajuda.

Muita gente sentia medo e asco de morcegos, associando-os ao mal — conforme faziam em relação aos gatos pretos —, fruto da própria ignorância e eras de superstição. Havia o temor legítimo quanto a raiva, embora e probabilidade fosse mais ou menos tão grande quanto em relação aos cães de rua. Fato era que os morcegos cumpriam um importante papel de equilíbrio na medida em que devoravam porções consideráveis de insetos. Certas espécies caçavam ratos e até polinizavam as flores.

Um guincho agoniado fez Alexander decidir. Tirou um lenço do bolso e, delicadamente, enrolou-o ao redor do morcego.

— Oi, anjinho — sussurrou. — Não tivemos uma boa noite, não é mesmo?

Alexander, além de notívago, era violinista. Durante toda a sua vida dedicara-se à música. Vivia por ela e para ela. Após formar-se no conservatório, conseguira se integrar à orquestra local. O salário era de fome e, para ajudar a sobreviver, tocava numa boate cujo público interessava-se mais nas performances das *strippers* do que em suas melodias.

Quisera a crise econômica que Alexander fosse mandado embora da orquestra quase na mesma época em que a boate livrara-se dele.

— Sabe como é, chapa — justificara o dono do estabelecimento. — Entre assistir a pior das *strippers* e ouvir o melhor dos violinistas, os fregueses não têm a menor dúvida... Nem eu!

Não obstante tivesse realizado o sonho de tornar-se um artista, Alexander não podia dizer que alcançara êxito na vida. Pelo contrário, o último ano fora particularmente difícil: a morte da mãe após longa enfermidade que a fazia sentir dores atrozes; o fora da noiva que, enfim, dera-se conta de não desejar ver-se amarrada a alguém sem eira nem beira; os aluguéis em atraso cujo fantasma do despejo pairava feito guilhotina sobre seu pescoço e a perda do emprego e do "bico" que, se não eram os ideais, permitiam-lhe manter contato com a única coisa que lhe dava algum sentido na vida: a música.

Agora, o que restava?

O morcego tornou a guinchar.

— Ok, meu amorzinho, vamos para casa.

Alexander e o morcego foram até o apartamento. Pelo caminho, colocou o animal dentro de seu casaco, a fim de mantê-lo aquecido. Diante do sofrimento da criaturinha, o músico deixara a autopiedade temporariamente de lado.

— Ei, você é uma pedra de gelo!

No apartamento, consultando a lista telefônica, levou algum tempo até descobrir um veterinário 24 horas nas imediações. Verificou suas parcas economias. Correu madrugada adentro até o local.

O nome se mostrava convidativo: "Clínica Veterinária Bichinho Esperança". Diversos animais de pelúcia enfeitavam a recepção e sala de espera. Apesar do horário, a médica-veterinária se mostrou atenta e consternada pelo animal. A primeira coisa que falou após um exame preliminar foi:

— É fêmea.

Felizmente, o morcego não havia quebrado nada e a asa encontrava-se intacta.

— Seu sentido de radar deve ter falhado — continuou. — Talvez pela interferência de alguma fonte de ultrassom. Deve ter batido em um galho, mas, além de uma dor de cabeça, está bem. Breve, poderá retornar à natureza.

— Ah, ouviu só, bonequinha! Ficará bem, tudo bem.

O morcego fitou Alexander, olhos brilhantes.

A médica-veterinária disse:

— Ela teve sorte do senhor tê-la encontrado.

— A sorte foi minha.

— Minha também — sorriu a veterinária, ruborizando em seguida. — Quero dizer, nunca tratei de um morcego antes.

No dia seguinte, Alexander cuidou da criaturinha o melhor que pôde. Trouxe frutas que, a contragosto, o animal ingeriu. Apanhou alguns insetos pelas praças públicas, mas foram ignorados.

Breve, o morcego deu seus primeiros voos no interior do apartamento.

— Parabéns, Milady!

Deu-se conta de que acabara de batizar o morcego. Isso só fez tornar a noite da despedida mais dolorosa. Relutou em dizer adeus, no entanto, sabia ser necessário. A natureza de Milady era livre como o vento, as nuvens, as estrelas e as folhas que das árvores se despediam.

— Ah, amorzinho, que sua vida seja feliz — falou, soltando o animal da sacada. — Sentirei sua falta.

Milady descreveu arcos cada vez maiores até se misturar à escuridão.

Alexander relutou em retornar para o interior do apartamento: pequeno, opressivo e deserto.

Não demorou a sair do edifício e dar uma volta. Antes que se desse conta, viu-se no meio da ponte suspensa para a qual se dirigira na outra madrugada. O vento gelado bateu-lhe no rosto, agitando-lhe os cabelos. Pensamentos sinistros assomaram sua mente, enquanto fitava as águas escuras cinquenta metros abaixo, numa metáfora do que via de sua própria vida.

Decidiu-se.

Pulou o parapeito e, do outro lado, apoiou-se na saliência de cimento e aço.

Inspirou o vento e, por um instante, imaginou-se um morcego, como a Milady, prestes a alçar voo.

Sugestões malignas sopravam em sua mente.

O salto.

A queda.

O descanso.

Fim de uma existência que o conduzira ali. Bastava um pequeno passo para encontrar a paz.

Ergueu um dos pés.

Foi quando ouviu uma voz atrás de si:

— Bonita a vista daqui.

Entre a surpresa e a indignação, Alexander se virou.

Era uma jovem de cabelos longos e pretos. Os olhos, também negros, brilhavam sob o luar.

CONTINUA...

APRESENTAMOS O CONTO
UM RESQUÍCIO DE HUMANIDADE

POR ROBERTO SCHIMA

PARTE II

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônymo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista digital "LiteraLivre" Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos" etc. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

PARTE 2

— Poderia me ajudar? — disse a moça.

Ele franziu a testa. Será que ela não enxergava a surrealidade da situação? Cogitou de ignorá-la e pular. Mas não o fez. Forçou o pé a retornar. Falou:

— Em que posso ajudar?

— Sinto-me perdida. Não tenho onde ficar...

— Não sou exatamente...

— Imploro a você!

Viu o rosto suplicante. Suspirou. O que quer que fosse fazer, mais uma vez, poderia esperar.

Conduziu a jovem até o seu apartamento.

— Se não levar a mal, ao menos esta noite terá onde se abrigar...

Porém, no interior do apartamento, a aparente fragilidade da mulher evanesceu. Encarou Alexander. Os olhos eram dois poços profundos de trevas sem fim. Cintilavam. O rosto deu a impressão de tremeluzir, transformar-se em outra coisa. Os joelhos do músico amoleceram e as batidas de seu coração aceleraram. Concomitantemente, o aperto que tomava conta de seu peito afrouxou o laço. Os braços da jovem envolveram seu pescoço. Alexander correspondeu. Homem e mulher entregaram-se a uma noite de amor intenso, ambos famintos como se jamais tivessem se alimentado. Náufragos que, na vastidão do oceano, alcançaram a superfície e, enfim, conseguiram respirar.

Deitaram-se de janela aberta, embalados pela brisa e a visão das estrelas.

Não obstante as incontáveis perguntas, Alexander deixou de formulá-las, temendo, assim, quebrar o encanto de um estranho momento.

Quando despertou, um dia ensolarado já se mostrava avançado. Ofuscado, cobriu o rosto. Assim que a vista se acostumou à claridade, procurou pela mulher cujo nome sequer

sabia. Não a encontrou. Em vez do paradeiro dela, descobriu um punhado de cinzas sobre o tapete, aos pés da mesinha. Sobre esta, uma carta. Tenso, pôs-se a ler:

Vejo-o adormecido. Ressona. Há paz em seu rosto. Custa-me a crer que, a princípio, encarei-o como uma presa. E assim teria sido não fosse a intervenção daquilo ao qual reluto em chamar de divina.

Meu coração se enche de ternura e gratidão. Nunca me imaginei capaz de ser tomada novamente por tais sentimentos. É leve e... iluminado. Durante séculos, minha vida foi toldada por violência, sofrimento e morte. Agia por instinto, raiva e desespero. Não me importava com coisa alguma. Não me sentia gente.

Então, você me salvou. Apesar da incerteza, cedeu-me sua atenção, seus cuidados, sua proteção e, até, seu afeto. Fazia tanto tempo que eu não era acalentada! Desde que fora transformada, minha existência tornara-se uma miséria. Seu gesto tocou algo dentro de mim, uma nota, uma semente que eu julgava morta.

Precisava reencontrá-lo. E, quando o vi na beirada da ponte, tive de tomar uma atitude.

Acredite-me: se considera a vida ruim, o que há depois dela pode ser pior. Pois eis que as trevas dão abrigo tanto ao bem quanto ao mal sob suas asas. A escolha sobre qual voo seguir dependerá não apenas dos golpes do destino, mas da luz do livre arbítrio. Em última instância, a responsabilidade por nossos atos, cabe somente a nós e não às forças do céu, da terra ou do inferno.

Reencontre a esperança, meu guardião, assim como, graças ao seu carinho, descobri um resquício de humanidade dentro de mim. Seja feliz nos anos que lhe restam, assim como, esta noite, eu fui feliz.

Parto de livre e espontânea vontade sob a luz da alvorada, não movida pela tristeza, angústia ou amargura, mas na certeza de que amei e fui amada.

Sua pela eternidade.

Milady

Alexander chorou.

Foi um misto de alegria e tristeza, de plenitude e vazio. E, sobretudo, saudade. Ao terminar, sentiu-se exaurido, tão vazio quanto deveria ter sido o Universo em seu princípio. As cinzas passaram entre seus dedos; muito finas, possuíam a consistência do talco.

De uma vitrola, ouvia-se *Sonata ao Luar*, de Beethoven.

"Séculos foi o que ela escreveu? Quisera eu tê-la conhecido antes."

— Viverei por você — prometeu —, que restituiu-me vida através de sua não-vida.

Dirigiu-se à sacada e, enquanto o vento espalhava as cinzas, fez as pazes com a luz do dia.

***

NOTA DO AUTOR:

Este conto foi originalmente publicado na antologia "Amor Fatal" (Editora Carnage, 2022), organizada por James Gallagher Junior.

https://loja.uiclap.com/titulo/ua18188/

https://uiclap.bio/editoracarnage

APRESENTAMOS O POEMA ADIANDO

POR SELLMA LUANNY

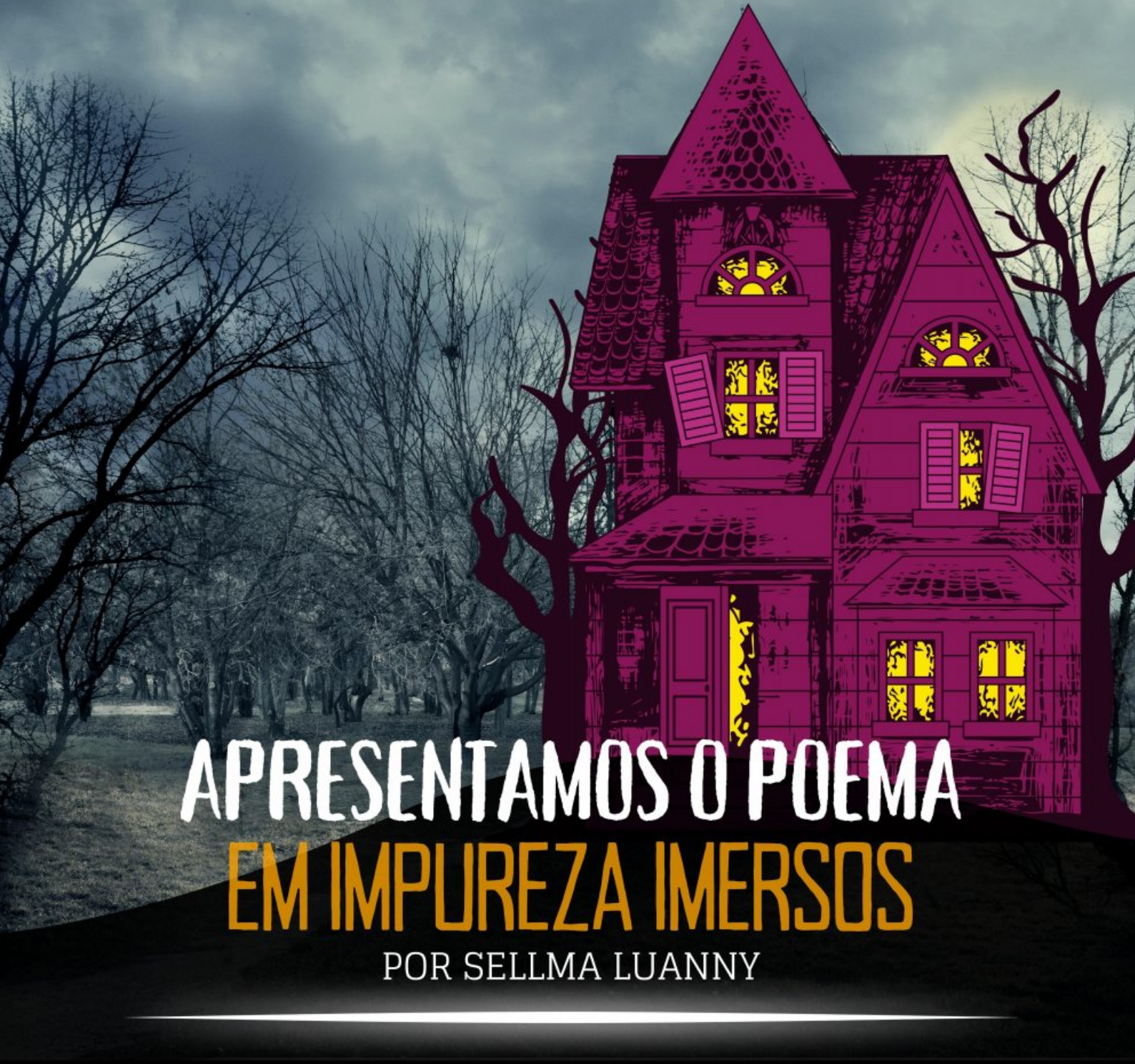
Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista, reside na Ásia desde 1987. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Para o "futuro" deixadas
adiadas empurradas
quantas coisas!
Como se do amanhã, certezas
houvesse... nova casa novos
planos... nova "vida".

Dá-se volta ao relógio vital
e com sonhos e intenções
joga-se aos dados...
Planos sociais e, pior,
planetários... calendarizados
como se garantidos.

E lá vamos nós...
deixando... adiando...
empurrando... para o nada.
A confiança no futuro
de erros e arrependimentos
falsamente a ilibar.

Vida é... não se adia.
É tempo contínuo.
Não se pula maré com anos
e dias.



APRESENTAMOS O POEMA EM IMPUREZA IMERSOS

POR SELLMA LUANNY

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista, reside na Ásia desde 1987. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Nesta opaca cinza úmida
e opressora redoma, cingidos.
Para aliviar a existência...
tento não pensar...
finjo não sentir... mas
minhas células, sei que sofrem.
Procuro não falar...
não muito... para os ainda
"tranquilos" não incomodar.
Mas... agora... agora...
com um vidro apenas
a separar-me do de fora,
infalivelmente eu peno.

A pouca distância,
em meio a tudo e a nada...
sem traço que defina,
o disforme rebuscado
e impreciso horizonte...
Importar-me mais
não deveria - conjecturo...
E na verdade
não me importaria
se não fosse
pelo constante transtorno...
e a dor
que não é só minha.

APRESENTAMOS O CONTO
A ARARA E O PAPAGAIO

POR SELLMA LUANNY

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista, reside na Ásia desde 1987. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

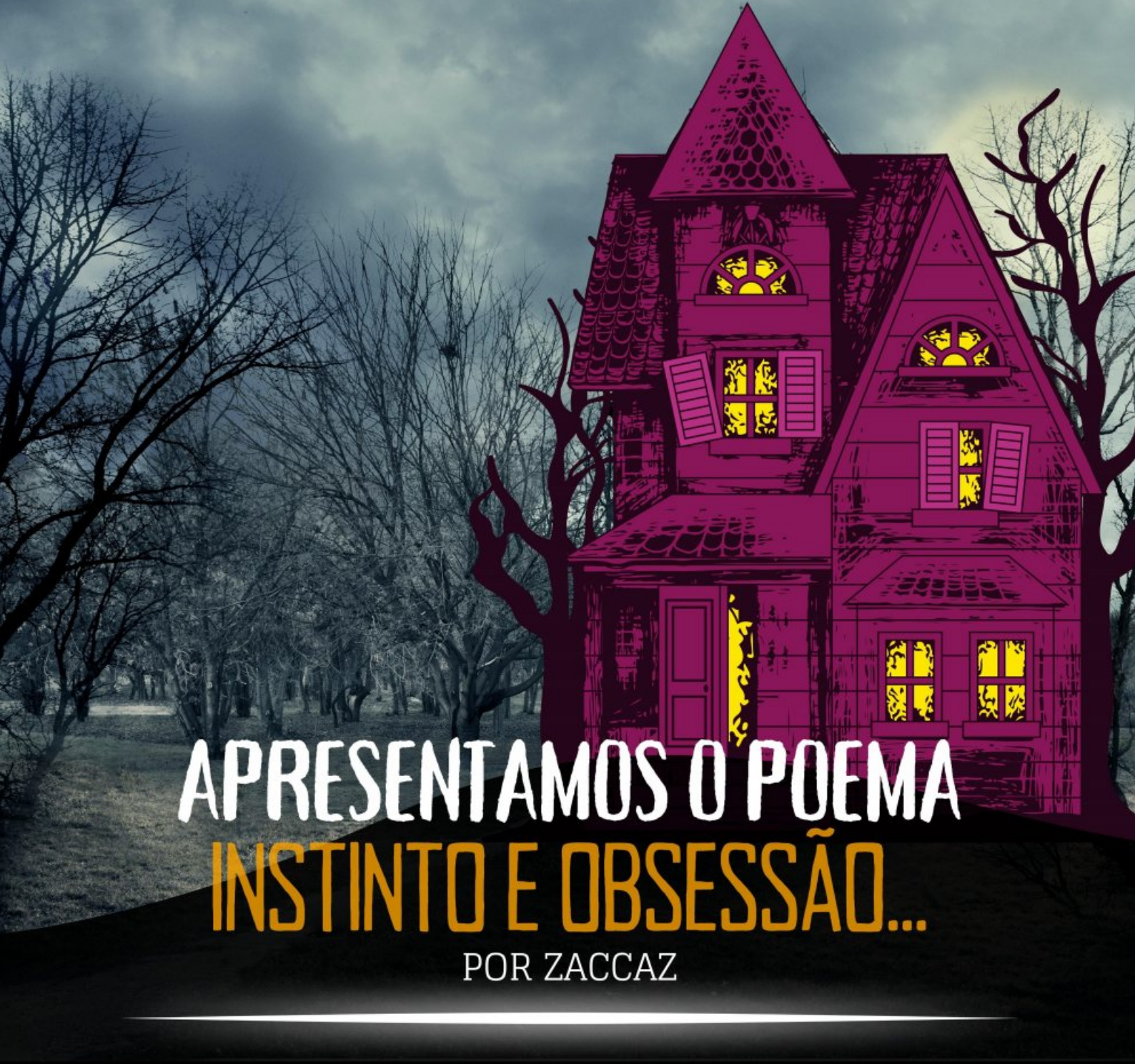
Cientificamente, a arara e o papagaio são da mesma família zoológica dentro do belo e vasto reino animal. Sendo assim têm muitas coisas em comum, além de diferenças óbvias. Na nossa estória, dois representantes desta família serão os personagens principais.

Era uma vez uma arara que grandiosa se imaginava. Usava da sua exuberância azul e vermelha, encimada por um topete amarelo, para brilhar acima de todos. Sua casa no tronco da árvore mais alta da floresta dava-lhe a certeza de superioridade. E tinha que ser assim para preencher o seu ego. Voava alto e só olhava para baixo — onde os seus pegajosos seguidores se arrastavam — para se avantajar e humilhar os diferentes. Espalhafatosa e narcisista, atraía aqueles que se deixam ser enganados por aparências e mentiras.

O papagaio, com o seu verde desbotado entremeado de zonas amarelas pálidas, para atrair atenções, papagaiava desordenadamente. Na verdade, sonhava ser um dia, uma arara como aquela descrita acima. Mas apesar das similaridades, era inferior em tudo e isso não sustentaria qualquer esperança. Projetava-se então ao se curvar ao seu ídolo — a arara.

Um dia, a árvore mais alta foi atingida por um raio e a arara para se salvar, viu-se obrigada a procurar um buraco numa árvore mais baixa — e que não tivesse dono. Revoltada, mas sem remédio, demorou para o seu topete baixar... um pouco. Ela espera pelo dia em que consiga voar mais alto do que antes. Teria o apoio dos seus cegos seguidores?

O papagaio que se empolgava com a aparente superioridade do ídolo, teve que fechar um pouco a matraca — para não perder a língua... Ainda não caiu do seu poleiro, mas nada é garantido.



APRESENTAMOS O POEMA INSTINTO E OBSESSÃO...

POR ZACCAZ

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceuclar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.
E-mail: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br
Instagram: Clayton.Zocarato
Facebook: https://www.facebook.com/clayton.zocarato

Não sei bem...
Como vou continuar a caminhar...
Por entre olhares sombrios...
Distantes e brilhantes...
Imagina uma doce obsessão...
Discutindo com sua razão...
Perdido por entre mitos e instintos...
Sente-se faminto...
Almejando ter um coração...
Ocupando uma vida...
Querida e sentida...
A cada nova investida...
Uma constituição...
De aflição...
E solidão...
Procurando uma pitada...
De paixão...
Longe da comunhão...
Próxima da obsessão...
Vive instigando...
Mas tão pouco...
Vai amando...
Foi entregar uma rosa...
Cor de sangue para o destino...
Ainda tem sombra de menino...
Perante o que sente...
A cada novo instinto...
Pressenti novos desatinos...
Displicentes entre emoções...
E novas obsessões...
Tendo distrações...
Que não detém...
Frustrações, sem nenhum vintém...

Aflições...
Instigam...
E o deixam aflito...
Por entre desatinos...
E vinho tinto...
Seu instinto...
Procura o seu sexo...
Em um gozo...
De desejo...
Tocando luares...
De jantares vazios...
Quer acariciar...
Quer amar...
Quer beijar...
Mas sua alma...
Está em uma condição...
De amargar...
Pela música de solidão...
Tenta por entre madrugadas...
Alguma forma...
De enganar...
Sua volúpia assassina...
O medo de perder...
Fez crescer...
Seu desmerecer...
Outros, vão a querer...
E ele vai continuar a morrer...
Medo de não ter o seu coito...
O deixa cada vez mais afoito...
Quer realizar um exorcismo...
Do seu fatídico realismo...
Procura procrastinar...
O líquido divino nas mãos...

Deixa um branco sacudido...
Muito mexido...
E pouco vivido...
Mas muito requerido...
Por entre lençóis...
Comiserando orações...
De paixões...
Pelo que não é...
Correspondido...
Gerando amanhãs...
Sem nenhuma maçã...
Em entender...
Sua condição...
Crônica e histriônica...
De caminhar...
Por entre imbróglios...
Que para aonde for...
Irá expor...
Uma pujança...
De falta de esperança...
O terror de não atrevido...
Não o faz mais querido...
E nem aquecido...
Ao ser abraçado, pela companhia...
Da solidão...
Fechou seus olhos...
A obsessão se apresentou...
Se distanciando...
Do instinto e carinho...
Realizando um ninho...
Das sentenças mentais...
Cheias de ódios...
Esqueceu, da saudade...

Em ter alguma esperança...

O que restou...

Foi uma psicose...

Capitalizando...

Um mundo...

Que não é mais divertido...

Mas querido...

Pelo anjo da indiferença...

Que renova sua crença...

A cada nova fragmentação...

Da razão...

Perdida entre obsessões...

Incentivando...

Novas alucinações...

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**